

— não nos lamente. Estamos numa hora de confiança em Deus. Tia Iris está igualmente aqui e recomenda-me dizer que está bem. Assim como me preocupo por Elisabeth e Alan, vejo-a preocupada pelo Ubirajara e pelos filhos queridos, mas, com Deus, não há sombra perpétua, porque Deus é a luz de nossas vidas. Papai, auxilie-me. Não deixe os companheiros sob impressões negativas de sofrimento e morte. Acontecem as provas e quando as provas chegam, o momento é de seguir cada um o seu próprio caminho. Ninguém poderia ter tomado o meu lugar, no instante difícil e eu que entendia tanto de motor, tive de cumprir os desígnios da Lei, em meu próprio benefício. Rogamos a dor antes de tomar corpo na Terra e a dor funciona por mestra de nosso espírito. Por isso, meu pai, a dor é sempre um benefício. Nós é que custamos muito a perceber essa verdade. Rogo ao senhor e Mamãe velarem por Elisabeth e por nosso filhinho e recordem os outros — os outros entes amados de que Deus formou a nossa família carinhosa e feliz. Recebam com Bete e Alanzinho todo o coração do filho que promete obedecer as Leis de Deus para ser útil sempre e amá-los cada vez mais.

CLÁUDIO LUIZ^(*)

(*) Mensagem recebida em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 3 de abril de 1970, em Uberaba, Minas, achando-se presentes pela primeira vez entre os visitantes da instituição, os pais e a viúva do comunicante, residentes em São Paulo. Cláudio Luiz, o signatário da mensagem, desencarnou em um desastre automobilístico, no dia 29 de dezembro de 1969, e residia em Santo Amaro.

CLÓVIS TAVARES E CHICO XAVIER^(*)

Quando de minha viagem a Uberaba em outubro de 1966, entre muitos júbilos espirituais hauridos em três dias de convívio com nosso querido Chico, um acontecimento veio a assumir caráter na verdade surpreendente.

Amigos Espirituais queridos, numa reunião íntima com alguns companheiros de São Paulo, na manhã de 15 de outubro, nos ofereceram, entre testemunhos de seu imenso amor, preciosas páginas psicografadas pelo médium Xavier.

Antes do término da reunião, ao enumerar-nos algumas Entidades amigas presentes, Chico me comunicou que uma delas, o Espírito de uma *jovem senhora*, declarou chamar-se *Emília Neves*. Acrescentou que desencarnara tuberculosa e em extrema miséria em Itaperuna, Estado do Rio, no dia 20 de agosto de 1938, havendo-se integrado, algum tempo depois, na família espiritual da Escola Jesus Cristo, de Campos. Chico anotou, numa fôlha de papel, seu nome e a data de sua desencarnação, após o encerramento de nossas preces. E entregou-me o breve apontamento juntamente com as páginas mediúnicas que me eram destinadas.

A noite, após a peregrinação do Culto da Assistência, como de costume, há no templo da Comunhão Espírita Cristã uma reunião de estudos doutrinários. Foi nessa noite que o grande poeta Maciel Monteiro escreveu o belo soneto "Aspiração", obra-prima de sentimento e de doutrina, que transcrevo no capítulo que se segue a este.

Terminado o serviço psicográfico, feita a prece final, nosso querido Chico me chamou, apresentando-me, como fizera pela manhã, uma fôlha com breve anotação. Entregando-me o papel, disse-me: "Clóvis, nossa irmã Emília

(*) «Trinta Anos com Chico Xavier», Edição Caivário, S. Paulo, 1967, págs. 166-168.

Neves, de Itaperuna, que estêve conosco hoje pela manhã, novamente se encontra aqui e me disse, há momentos, que eu me enganara ao escrever, na fôlha que lhe entreguel, a data de sua desencarnação. Foi a 20 de março de 1938 e não a 20 de agosto, como escrevi, a data de sua libertação espiritual". E passou-me às mãos a nova fôlha em que se lia apenas: "Clóvis 20-3-1938". Guardei-a cuidadosamente e no dia seguinte, pela manhã, iniciava minha viagem de regresso a penates.

Como no caso já referido do Professor Cornélio Bastos, pediu-me o humilde Chico que verificasse a exatidão da nova notícia, em face da retificação referente ao mês, na segunda manifestação do Espírito de Emília.

Ao chegar a Campos, relatei o caso a alguns companheiros de nossa Escola Jesus Cristo. Dois dêles se prontificaram a escrever a amigos de Itaperuna a fim de obter informações sôbre a desencarnação de Emília Neves. Não se havendo obtido resposta, resolvemos, o confrade Rubens Carneiro e eu, dirigir-nos à vizinha cidade do Norte Fluminense. E assim o fizemos na manhã de 29 de dezembro do mesmo ano de 1966.

Fomos primeiramente ao Cemitério da cidade, onde nada encontramos com referência ao que buscávamos, por se haver extraviado, entre outros o obituário referente a 1938. O administrador da necrópole, entretanto, concordou conosco que no Cartório da cidade obteríamos a informação desejada. E indicou-nos o local onde encontraríamos o oficial do Registro Civil do Primeiro Distrito de Itaperuna, o Sr. Benedito Sozinho de Souza.

Chegados ao Cartório, dissemos — o Rubens e eu — a que vínhamos. Desejávamos saber se constava entre os registros de óbito de 1938 o nome de Emília Neves, falecida nesse ano naquela cidade. Pronta e gentilmente atendidos, feita a busca no livro referente aos falecimentos daquele ano, tivemos a satisfação de ouvir do tabelião de Itaperuna, Sr. Benedito de Souza, a resposta confirmativa das declarações espirituais de 15 de outubro. De fato, aberto o livro número 13, referente a 1938, aquêlê oficial do Registro Civil nos mostrou o registro de óbitos, fôlhas 236 do livro n.º 13 do registro de óbitos, como se lê no documento, "consta o registro de óbito de *Emília da Costa Neves*, falecida aos 20 de março de 1938, às 19 horas neste distrito". E demais notificações: sexo feminino, côr branca, profissão — doméstica,

com 29 anos de idade, casada, filha de Manuel Costa Neves, lavrador, natural de Portugal, e de Maria Costa Neves, doméstica, também portuguesa. Declara ainda a certidão que Emília Costa Neves era casada com o Sr. Manuel Josino de Lima, não legando bens em testamento e deixando três filhos menores — Glicério, Jurandir e Helena.

A certidão que nos foi entregue, assinada pelo Oficial, Sr. Benedito Sozinho de Souza, é datada de 29 de dezembro de 1966. Por um missionário protestante, de Itaperuna, Sr. Correia, que conheceu pessoalmente Emília e seus familiares, soubemos, nesse dia, que nossa amiga espiritual desencarnara em extrema penúria, vítima da tuberculose, confirmando as notícias dadas ao médium, dois meses antes. Como vê o leitor, é êste mais um maravilhoso testemunho da mediuinidade, realmente ímpar, de nosso querido Chico Xavier.